

FEBRE DE ORIGEM OBSCURA

O Caetano era um tipo muito magro, baixo, com cabelos crespos e tez escura. Tinha 40 anos quando foi internado no HUPE após atendimento no ambulatório sem diagnóstico e apresentando febre diária vespertina. Os residentes e os titulares tomaram-lhe a história clínica à exaustão. Foram pedidos muitos exames complementares para verificar cada hipótese diagnóstica sugerida. O fato é que nenhum exame apontava para uma causa plausível.

O residente responsável, recém formado, o Dr. Lima, empilhava exames de Raios X, laboratoriais, e pareceres médicos de inúmeras especialidades. Cardiologistas, gastroenterologistas, pneumologistas e tantos outros “*gistas*” disponíveis.

- Caetano – disse-lhe o Dr. Lima – Seu caso está dando um nó na cabeça dos professores.

Caetano ria e respondia com algum gracejo. A mesa de cabeceira do seu leito enchia-se dos mais variados objetos: guias da umbanda, terços católicos, figas, uma bíblia, uma pequena menorá e outros símbolos desconhecidos, pelo menos para os médicos e enfermeiros que o atendiam. O Caetano também se adornava com vários colares e pulseiras de contas coloridas.

Ele recebia muitas visitas, de familiares, amigos e religiosos. Vinham a caráter, Pais de santo. Padres, Pastores, um Iman, um Rabino, um médium espírita e outros cujas religiões não eram evidentes pela indumentária. Faziam preces e distribuía aos funcionários e visitantes, santinhos, amuletos, orações impressas, água benta e um tanto de outros itens religiosos. Eventualmente traziam comidas com atribuições curativas que eram avaliadas pelos médicos se apropriadas ou não, em geral, acabavam num banquete na enfermaria.

Levaram o caso à sessão clínica mensal do Hospital, o que dava uma dimensão acadêmica da situação. Não se chegara a um diagnóstico. Decidiu-se trata-lo como um caso atípico de tuberculose. Após um mês de tratamento Caetano continuava tendo febre vespertina. Voltou-se à sessão clínica. O problema do Caetano se tornara um desafio aos catedráticos. Mandaram abrir o Caetano numa cirurgia com o pomposo nome de “*laparotomia exploradora*”.

- Dr. Lima, eu nem sei falar este nome, mas se os senhores doutores decidiram é porque deve ser mesmo necessário.

Caetano se conformava, mas, por via das dúvidas, os badulaques religiosos na sua cabeceira aumentaram. O comparecimento dos religiosos também. O Dr. Lima desenvolvera uma boa relação com o paciente e por vezes conversavam sobre outros assuntos mais mundanos.

- Caetano, o que você e seus amigos religiosos acham disso tudo que está lhe acontecendo?

- Varia muito dependendo da fé que professam, mas ao fim e ao cabo, todos concordam que é um problema espiritual cuja cura não está na medicina.

- E o que você pretende fazer?

- Vou me submeter às determinações dos sabidos lentes, mas eu e meus amigos estamos organizando uma corrente de fé, muito forte mesmo, para afastar o que todos concordam que são espíritos malignos que querem se apossar de mim. Não me pergunte porque, nem aos religiosos pois ninguém sabe, mas, temos fé em Deus que serei curado.

Caetano falava isso e fazia os mais variados gestos sacramentais: o sinal da cruz, batia no peito, levava as mãos aos céus, enfim uma coreografia complicada. Mas valia tudo pela cura.

Houve a cirurgia, acompanhada pelos estudantes e médicos que lotaram o auditório envidraçado que circundava a sala de cirurgia. Alguém narrou as etapas da “*laparotomia exploradora*”.

Vasculharam todo o abdômem do Caetano durante mais de uma hora e finalmente terminaram a cirurgia que, como se soube, não encontraram nada anormal.

Caetano ficou uma semana no pós-operatório e novamente seu caso foi levado á discussão na sessão clínica mensal, cuja audiência lotou o auditório do HUPE.

O Dr. Lima foi chamado à chefia da clínica depois da sessão e o Dr. Professor titular o cominou com uma tarefa:

- Comunique ao paciente que ele terá alta devendo continuar a ser tratado no ambulatório. Diga-lhe ... diga-lhe ... diga-lhe ... o que você achar mais apropriado.

Alguns dias após o Dr Lima comunicou ao Caetano sua alta e acrescentou:

- Tudo que era possível fazer pela medicina, foi feito, mas a febre continua. Você, portanto, busque na sua fé qualquer coisa que o cure, ou não. Eu o acompanharei nas consultas. Boa sorte.

Caetano ficou um par de meses se consultando toda semana e a febre permanecia, então passaram-se seis meses sem que o Caetano voltasse a se consultar. No sétimo mês ele voltou. Estava com excelente aparência, cheio das guias no pescoço e pulseiras. Foi efusivamente recebido e fizeram vários exames. Todos com resultados normais e a febre desaparecera.

- Caetano – disse-lhe espantado o Dr. Lima. – O que você fez? A febre sumiu.

- A corrente de fé que lhe disse. Foi preciso juntar aquela turma toda para espantar o que me prejudicava. Uma verdadeira batalha espiritual. Podes crer, Doutor.